



Narrativas da Vida Real: O Jornalismo Literário nas reportagens de Eliane Brum¹

Estela Maria HOFFMANN²

Vera Lucia Spacil Raddatz³

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS

Resumo

Este trabalho busca esclarecer os conceitos do jornalismo literário. Para trazer exemplos atuais deste modelo, foram analisadas algumas reportagens escritas pela jornalista Eliane Brum, na Revista Época do ano de 2004 e 2008, além dos textos que constam em seu livro “A vida que ninguém vê”. Por sua maneira ímpar de escrever, Eliane Brum expressa em cada linha, um estilo próprio que legitima a coesão entre literatura e jornalismo e comprova que ambos podem formar uma parceria perfeita. Com este estilo, acredita-se que o leitor aproxima-se da vida de outra vida e o jornalismo propicia a ele um exercício que vai além da visão. O leitor aprende a olhar o outro, por meio de um jornalismo responsável socialmente.

Palavras-chave: jornalismo; literatura; reportagens; responsabilidade social.

Introdução

Falar de jornalismo e de literatura pelo viés do texto da jornalista Eliane Brum é um exercício que contribui para repensar conceitos estruturados a respeito destes dois campos do conhecimento, mas que certamente suscitam ainda muita discussão. Não se trata aqui de dar mais importância a um ou outro, mas reconhecer as especificidades dos mesmos e avaliar as proximidades, similaridades e diferenças que os qualificam de antemão como textos diferentes.

Os primeiros jornalistas foram os escritores. Para escrever nos jornais era necessário habilidade lingüística, domínio da gramática e uma certa dose de criatividade. A formação técnica e profissional abriu espaço para os jornalistas especializados, que não

¹ Trabalho apresentado ao Publicom - DT1 Jornalismo - do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul/RS, setembro de 2010.

² Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela UNIJUI; Assessora de Marketing da UNIJUI. e-mail: estela_hoff@hotmail.com

³ Orientadora do Trabalho, Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS; Professora e pesquisadora do Curso de Comunicação Social da UNIJUI, e-mail: verar@unijui.edu.br



deixam de revelar suas habilidades com a língua. Alguns mais objetivos, outros nem tanto. Alguns descrevem e narram com maestria os movimentos dos fatos do cotidiano, enquanto outros representam a realidade de um modo único e irrepetível.

Entre esses jornalistas destaca-se o trabalho de Eliane Brum, pela qualidade do texto, que os críticos de uma corrente mais aberta e leitores mais atentos têm percebido como um jornalismo de berço literário.

Eliane Brum é uma contadora de histórias que conquistou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais em sua carreira. Autora de três livros-reportagens⁴, codiretora e corroteirista de vídeo⁵, atuou no Jornal Zero Hora e na Revista Época, agora dedica-se a projetos pessoais que incluem colunas semanais, produção de livros e documentários. Neste texto nos debruçamos sobre alguns textos publicados por Eliane Brum quando era repórter do Zero Hora e da Revista Época para que possamos traçar considerações e reflexões acerca das relações entre o jornalismo e a literatura.

As relações entre o jornalismo e a literatura

Podemos entender o jornalismo como uma prática profissional que visa à produção regular de notícias que abordam diversos assuntos. Alfredo Vizeu (2007, p.19) traz a definição de jornalismo, segundo Luiz Beltrão: “a informação dos fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum”. Esse conceito abrange o objetivo central do jornalismo que é a informação.

Palacio (1984) trabalha com o conceito de que o jornalismo é "um método de interpretação".

Primeiro, porque escolhe entre tudo o que se passa aquilo que considera ‘interessante’. Segundo, porque traduz a uma linguagem inteligível cada unidade que decide isolar (notícia) e, além disso, distingue nela o que é mais interessante (...) e o que é menos interessante. Terceiro, porque, além de comunicar as informações assim elaboradas, trata também de situá-las e ambientá-las para que se compreendam (reportagem, crônica), e de explicá-las e julgá-las (editorial e, em geral, comentários). (PALACIO, 1984, p.34)

⁴ Coluna Prestes – o avesso da lenda (1994), A vida que ninguém vê (2006) e O Olho da Rua – uma repórter em busca da literatura da vida real (2008).

⁵ O vídeodocumentário Uma história Severina (2005) lhe rendeu mais de 20 prêmios.



Sendo assim, diariamente o jornalista faz o seu recorte da realidade e divulga através de uma opinião pessoal o que considera mais importante. Da mesma maneira constrói a notícia a partir do foco que deseja e produz conforme o formato que acha mais interessante. Portanto, podemos afirmar que a notícia está condicionada primeiramente à idéia pessoal do jornalista.

Atuar no jornalismo é uma opção ideológica, ou seja, definir o que vai sair, como, com que destaque e com que favorecimento, corresponde a um ato de seleção e de exclusão. Este processo é realizado segundo diversos critérios, que tornam o jornal um veículo de reprodução parcial da realidade. Definir a notícia, escolher a angulação, a manchete, a posição na página ou simplesmente não dá-la é um ato de decisão consciente dos próprios jornalistas. (FILHO, 1989, p.12)

Dessa forma podemos entender o jornalismo a partir de campos muito vastos, considerando diferentes aspectos de análise. A profissão como sendo responsável pela divulgação das informações pertinentes à sociedade, levando em consideração os pontos de vista da empresa/instituição que representa; a bagagem cultural do próprio profissional que a produz; além do texto que se emprega, criativo ou não.

A partir daí nos deparamos com questões éticas evidentes. Qual a função do jornalista na sociedade? Amaral (1969, p.17) afirma:

As funções política, econômica, educativa e de entretenimento são as quatro principais do Jornalismo. Isso em se tratando dos países capitalistas, pois a função principal do Jornalismo nos países socialistas é a educativa e em outros governos fortes o “jornalismo é um elemento do regime e uma força a seu serviço”.

Para além destes conceitos, avançamos para um sentido mais amplo. Jornalismo e Literatura conjugam informação e criatividade, duas formas de expressão que se unem para retratar com sensibilidade e responsabilidade social a história do cotidiano.

Apesar de alguns autores afirmarem que ambos não possuem relação alguma, insisto em afirmar, assim como Vichiatti (2005), Pena (2006) e tantos outros autores que a conjugação dos dois é uma união que enriquece os produtos da comunicação midiática.

E não é de hoje que jornalismo e literatura estão entrelaçados. No século XIX os jornais existentes aproximavam-se muito da literatura, o motivo principal era o grande número de escritores presentes nas redações que empregavam nos textos diários suas características próprias. “...assumiam as funções de editores, articulistas, cronistas e



autores de folhetins” (PENA, 2006, p.21). Escritores que assumiam o papel de jornalistas e retratavam os fatos diários enriquecidos de detalhes, colocando no texto ingredientes que passavam longe do superficial, dando ao leitor a sensação de uma história viva.

Como prática profissional, podemos afirmar que jornalismo e literatura são muito diferentes. No primeiro encontramos características extremamente ligadas ao relato do real, do presente, enquanto a literatura pode se deliciar com devaneios, livre para a criação, sem preocupação com a cronologia. A técnica de apuração, redação e estilo também é diferenciada, sem esquecer de destacar que o compromisso de cada um com a verdade os distancia ainda mais. Porém, é preciso conceber novas ideias e evoluir a escrita jornalística, com o aperfeiçoamento da técnica.

Atualmente, percebemos que poucos são os jornalistas que possuem liberdade para escrever de forma livre, fora dos padrões impostos. Boa parte destes jornalistas só o conseguem por serem renomados.

O fato de certos jornais na atualidade permitirem a alguns jornalistas renomados a liberdade de serem subjetivos, de usarem um estilo solto e pessoal, de romperem com o clichê lingüístico particular daqueles órgãos não muda em nada o caráter genérico da imprensa. (FILHO, 1989, p.38)

A questão não é negar o caráter primordial do jornalismo, muito menos levá-lo a outra forma de desenvolvimento. Jornalismo jamais será Literatura e Literatura jamais será Jornalismo. O que se discute neste trabalho é a combinação de ambos em reportagens que aproximem o leitor do real e não apenas o informem de forma estandardizada.

Literatura, segundo Alceu Amoroso Lima, é a arte da palavra, considerando toda a expressão verbal, falada ou escrita. “Tudo é literatura desde que no seu meio de expressão, a palavra, haja uma acentuação, uma ênfase no próprio meio da expressão, que é o seu valor de beleza.” (LIMA, 1969, p. 22).

Para Marcondes Filho, contratar um escritor ou poeta para escrever nas páginas não-noticiosas do jornal, não transforma o jornal em um veículo mais próximo da literatura. E nem é esse o objetivo do Jornalismo Literário. É preciso deixar claro que a busca por um texto que utilize ferramentas e técnicas da literatura não devem sucumbir à ilusão e à fantasia. Buscar novas técnicas significa buscar novas alternativas para qualificar a produção jornalística.



Mário Mesquita destaca o conceito de histórias de interesse humano, relacionando sua definição ao termo “notícia”. Para ele notícias são uma forma de conhecimento informal.

... estão ligadas à existência de participantes na vida política da sociedade, transmitem informações, permitem dinamizar a atividade econômica, enquanto as “histórias de interesse humano” constituem *fait divers*, narrativas de mistério e paixão, emotivas e sensacionalistas. (MESQUITA, 2005, p.17)

O autor destaca ainda que é nesta definição de histórias de interesse humano que a definição de história fictícia tende a apagar-se e é aí que sua relação fica mais estreita com a notícia.

As histórias de interesse humano em que o real é tratado como literatura acabam sendo textos com características ficcionais, portanto leituras diversionais, mas com instruções políticas e de compromisso com a verdade. “Pode-se ler o jornal num momento de lazer, com o mesmo interesse de quem observa pela janela a multidão a agitar-se numa rua cheia de gente”. (MESQUITA, 2005, p.18)

Notícias e histórias remetem a registros narrativos e descritivos, o que se discute, portanto, é a veracidade. Zelizer apud Mesquita esclarece: “Dizer que uma notícia é uma “estória” não é de modo nenhum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o fato de a notícia (...) ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna (...)” (2005, p.20)

Para Felipe Pena, a literatura no jornalismo significa falar da realidade com profundidade e abusar dos recursos existentes:

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários⁶ e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p.14).

É óbvio o compromisso que o texto jornalístico tem com a veracidade, e é ao mesmo tempo evidente que a literatura é baseada na ficção, mas não devemos nos valer apenas deste princípio, sendo que ele pode ser flexível. A relação entre jornalismo e literatura

⁶Aqueles entrevistados que sempre falam para os jornais, como autoridades e especialistas famosos.



anda por caminhos muito mais abrangentes que mostram um horizonte de possibilidades.

Eliane Brum - um jornalismo diferenciado

A jornalista Eliane Brum é natural de Ijuí, Rio Grande do Sul. Filha de Argemiro Jacob e Vanyr Brum, sempre buscou expressar seus sentimentos através da poesia. Ainda criança, seu pai reuniu os textos da filha em uma coletânea chamada “Gotas da Infância”. Desde muito cedo seu caminho estava delineado pelos “traçados” das letras. Não acreditava que tinha talento para o jornalismo e só foi descobrir a paixão pela profissão no último semestre de faculdade, através de um professor que lhe ensinou muito além das técnicas de redação. Ensinou-lhe a contar histórias, sendo que uma delas lhe rendeu o estágio no Jornal Zero Hora e o início de uma carreira cheia de conquistas. Desde o primeiro instante, Eliane desperta para a profissão e para as histórias que ninguém vê, sempre fugindo das pautas óbvias e habituais. Sempre procurou cavar suas próprias histórias.

A aventura de percorrer os 25 mil km da marcha da Coluna Prestes e relatar o que viu neste caminho lhe rendeu em 1994 a publicação do livro “O Avesso da Lenda” e posteriormente o prêmio Açorianos de Literatura.

A jornalista trabalhou durante 11 anos no Jornal Zero Hora. No final de 1998 ainda nesta empresa, foi convidada pelo diretor de redação para extrair crônicas reais de pessoas comuns. Durante 11 meses, transformou fatos corriqueiros em grandes histórias, ao todo 46 colunas que ao final receberam o Prêmio Esso de Jornalismo – Regional Sul de 1999. O resultado deste trabalho foi o livro “A vida que ninguém vê”, que igualmente recebeu o Prêmio Jabuti, na categoria livro-reportagem no ano de 2007. Marcelo Rech apud Brum, diretor de redação que lançou o desafio à Eliane, mostrou-se mais que surpreso: “Eliane não só capturou a idéia de escrever uma série de reportagens sobre personagens e cenas corriqueiras em forma de crônicas da vida real: ela a moldou a seu talento exuberante e a transformou numa extraordinária coletânea...” (2006, p.13) Recentemente, a jornalista recebeu o Prêmio Internacional de Jornalismo Rei da Espanha por sua reportagem “O Islã dos Manos”, publicada na revista ÉPOCA de 2 de fevereiro de 2009. O troféu foi entregue pelo rei Juan Carlos, no anfiteatro da Casa de América (Palácio de Linares), em Madri.



“Mudar o mundo” talvez seja a premissa maior da jornalista e escritora Eliane Brum, e talvez seja por este motivo que, através de seus textos, é fácil perceber os sentimentos que brotam naturalmente. Eliane Brum tem um jeito peculiar de escrever, e esse jeito transcende as laudas dos jornais e revistas, é uma maneira de olhar, de se relacionar e de perceber o mundo e principalmente o outro.

Olhar dá medo porque é risco. Se estivermos realmente decididos a enxergar não sabemos o que vamos ver. Quando saio da redação, tenho uma idéia de para onde devo olhar e o que pretendo buscar, mas é uma idéia aberta, suficiente apenas para partir. (BRUM, 2006, p.192)

É esse olhar criterioso que faz com que a jornalista se aproxime do leitor e principalmente da literatura, ultrapassando as barreiras da informação. E é aí que encontramos o Jornalismo Literário na prática do jornal diário, nas reportagens especiais, nas matérias cotidianas e nas crônicas. Eliane Brum o traz em todas as formas. Assim, Lima apud Boas, destaca:

Mas não basta só o contar. É fundamental também contar histórias com uma visão de mundo ampla, aberta, capaz de honrar a complexidade maravilhosa da vida vivida que se encontra à disposição de quem quer vê-la, senti-la, experimentá-la, expressá-la às vezes com humor e drama, noutras tantas com lágrimas e risos. (2007, p.11)

Com estas características Eliane observa o mundo, e principalmente o outro. “Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico”. (BRUM, 2006, p.187) A jornalista observa que o ordinário da vida é o extraordinário e tem nisso, sua fundamentação para buscar em cada personagem anônima, o fantástico de sua vida encoberto pela rotina. É preciso deixar claro que a jornalista não distorce a realidade, e sim, utiliza de elementos que enriquecem a produção textual e focaliza onde as retinas convencionais costumam deixar em segundo plano.

Trabalhando com a atualidade como seu marco definidor, o jornalismo circunscreve-se ao âmbito do real, ainda que, em alguns momentos, possa dar tratamento ficcional (ao nível do discurso) a fatos concretos do cotidiano. Isso, todavia, não pode conduzir à inclusão de mensagens de ficção publicadas em jornais como se fossem jornalísticas. (MELO, 1985, p.35)



A definição de Melo traduz perfeitamente o trabalho que Eliane Brum desenvolve. Uma observação sobre a falta de silêncio no mundo preocupa a jornalista que vê justamente nesta lacuna a oportunidade de resgatar o melhor do jornalismo.

O jornalismo, em parte, tem sido vítima e cúmplice dessa verborragia, dessa excessiva valorização da palavra dita. O jornalista é reduzido a um compilador de monólogos, a um aplicador de aspas em série... Fulano disse, sicrano afirmou. A vida é bem melhor do que isso. O dito é, muitas vezes tão importante quanto o não-dito, o que o entrevistado deixa de dizer, o que omite. É preciso calar para escutar o silêncio. (BRUM, 2006, p.191)

Para Eliane Brum cautela, inteligência, intuição, observação e sensibilidade são ferramentas essenciais. “Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as outras expressões do que somos. Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido”. (BRUM, 2006, p. 191)

Os textos na Revista Época e no Jornal Zero Hora

Para demonstrar a relação entre a literatura e o jornalismo nos textos de Eliane Brum, foram selecionadas algumas reportagens escritas por ela e publicadas em dois veículos que fizeram parte da trajetória profissional da jornalista: Revista Época e Jornal Zero Hora.

Na revista Época o período escolhido foi do ano de 2003, 2004 e 2008. Os anos foram assim determinados para demonstrar que a característica do jornalismo literário é permanente.

As crônicas-reportagens que a jornalista escreveu para a coluna do Jornal Zero Hora em 1999, e que posteriormente foram transformadas no livro “A vida que ninguém vê”, também estarão compondo esse processo de análise. A boa receptividade do público pela forma peculiar de Eliane é confirmada com a publicação deste livro que reúne o material produzido por ela no início da carreira no ZH.

Durante 11 meses no Jornal Zero Hora, a jornalista foi descrevendo histórias reais com muita sensibilidade e principalmente, comprometimento social. Histórias que continham mais verdades que qualquer outra reportagem publicada no jornal.



Para este trabalho, resgatamos a coluna “Enterro de pobre” (BRUM, 2006, p.35) do dia 26 de junho de 1999. A história de Antônio, homem pobre, que enterra seu filho morto já no ventre da mãe. É com esse simples enredo, que ela emociona e escancara a pobreza, que sofre até por não ter o direito de morrer.

Quando a terra cobriu a cova rasa do filho, o pai soube que seu coração permaneceria insepulto. Porque Antonio Antunes descobriu naquele momento que uma cova rasa em um caixão doado, semeado em um cemitério de lomba, seria o destino dele, dos filhos que sobreviveram e dos netos que ainda estão por vir. (BRUM, 2006, p.36)

A injustiça social, a desigualdade e o sofrimento de quem não tem vez na sociedade, são bandeiras levantadas pela jornalista, que utiliza essa simples história para denunciar a tristeza de quem é abandonado em vida, e não encontra nem na morte dignidade.

Não há nada mais triste do que enterro de pobre porque não há nada pior do que morrer de favor. Não há nada mais brutal do que não ter de seu nem o espaço da morte. Depois de uma vida sem lugar, não ter lugar para morrer. Depois de uma vida sem posse, não possuir nem os sete palmos de chão da morte. A tragédia suprema do pobre é que nem com a morte escapa da vida. (BRUM, 2006, p.37)

E para concluir a narração do sofrimento de Antonio, Eliane tenta resumir toda a história em uma só sentença: “A diferença maior é que o enterro de pobre é triste menos pela morte e mais pela vida.” (BRUM, 2006, p.39)

A história que ninguém vê do menino Leandro Siqueira dos Santos, preencheu o Jornal Zero Hora, de 17 de julho de 1999, com o título, “O menino do alto” (BRUM, 2006, p.71) Quando tinha 12 anos foi atropelado e acordou cinco meses depois com as pernas retorcidas e o destino desfigurado.

Quando os doutores disseram que nada mais poderiam fazer por ele, o pai arranhou uma porta velha, bichada, e sobre ela deitou o filho. Com a ajuda dos parentes, dos vizinhos, do povo de cima, carregou-o até o alto de seu destino. Pela primeira vez o menino decifrou o precipício de sua vida. (BRUM, 2006, p.72)

Não bastasse o drama de ficar condenado a olhar a vida por baixo, quem não tem dinheiro, não tem cadeira de rodas e quem não tem condições de adquirir uma cadeira



também não tem como morar em um lugar que não seja o subúrbio. No caso de Leandro morador sem pertences do Morro da Polícia ele agora é também sem pernas.

O menino é desde então um prisioneiro no alto da torre da cidade. Suas pernas eram as únicas asas que tinha para voar sobre o fosso entre dois mundos. Tão perto do céu, estava no inferno. Para os meninos de pernas assassinadas do alto, de nada serve uma cadeira de rodas. Quem tem os dois pés precisa de outros dois. Nos dias e chuvarada só se caminha como bicho. Nos dias de tempestade o morro vira um vagalhão. É um oceano escuro que despenca arrastando pedras, plantas, bichos. (BRUM, 2006, p.72)

Condenado a um quarto precário e a ver o mundo pela pequena imagem de uma velha TV, o garoto ainda sonha em voltar a caminhar, por isso o pai carrega o filho até a entrada do morro onde de carona ele segue para a fisioterapia. Eliane relata esse momento da seguinte forma: “Quando o pai raquítico carrega o filho de pernas mortas pela escharpa de sua tragédia, o morro pára e se cala. Alpinista da miséria, um passo em falso pode custar a vida. Embaixo a enfermeira espera...” (BRUM, 2006, p.74)

Nas reportagens da Revista Época, a gaúcha segue este mesmo estilo e traz para as grandes reportagens essa mesma marca que penetra os corações dos leitores, através da literatura e do compromisso social.

Na reportagem intitulada “Família Lula Brasil da Silva”, de 27 de outubro de 2003, a jornalista buscou nos personagens mais simples, a essência do novo presidente, eleito um ano antes. A tia pobre do interior do nordeste e o irmão trabalhador assalariado, que diariamente pega o ônibus lotado, são personagens que desenham a vida do presidente, narrada por Eliane.

Pendurado num ônibus de São Paulo sacoleja um homem com o mesmo sorriso do presidente da República. ‘Até agora, esse Lula não fez nada do que prometeu’, reclama um vizinho de desconforto. O homem não diz nem que sim, nem que não. Faz de conta que nem ouviu. É fim de tarde e ele retorna de uma jornada que começou às 5h10 da madrugada, quando pegou o primeiro dos três ônibus que o levam de São Bernardo do Campo a uma metalúrgica de São Paulo. Na volta são outras duas horas sacudindo. Tem 66 anos, é aposentado, mas o dinheiro não é o suficiente para comer. É doente, às vezes cai na rua por conta de cãibras nas pernas e de um desassossego no coração... O homem que sacoleja no ônibus é o irmão mais velho do presidente do Brasil. (BRUM, 2003, p.54)



A simples descrição do início da rotina do irmão do presidente da República remete a uma contextualização muito mais profunda, fazendo o leitor penetrar na história, aproximando-o dos personagens.

Para entender o Lula das parábolas e dos ditados, que precisa falar tocando nas pessoas porque é dependente químico de intimidade, é preciso agarrar estas raízes do Brasil da Silva... Dona Lindu, analfabeta das 23 letras, educava os filhos com base nessas parábolas trazidas da terra madre no pau-de-arara, herdadas de outras mães sem outros recursos antes dela. (BRUM, 2003, p.58)

Na reportagem, “A lista de Aracy”, publicada na Revista Época em 14 de abril de 2008, é possível destacar vários trechos que expressam toda a particularidade e sutileza utilizadas em cada palavra pela jornalista. “Os fios de sua memória são como um novelo que escorregou do colo e se perdeu”. (BRUM, 2008, p.118)

A narração rica em detalhes permanece evidente e auxilia na contextualização do ambiente e principalmente na história, transformando-se em eixo principal da reportagem:

Adolf Hitler queria matar Günter Heilborn. Se tivesse conseguido, Luiza, de 4 anos, não contaria histórias mirabolantes para a família com ares de heroína trágica, Marina não teria criado uma taturana pra descobrir como ela virava borboleta e Juliana, ao ouvir uma amiga da mãe dizer que era baiana, não teria declarado: ‘Eu sou mamífera’. Não teria existido futuro para suas bisnetas trigêmeas. O assassinato num campo de extermínio poderia ter interrompido não apenas a história de Günter, mas toda a teia de acontecimentos, piqueniques, lágrimas, dentes de leite, decepções, joelhos esfolados e perguntas sem resposta que sua vida gerou. (BRUM, 2008, p.118)

Cada detalhe é um ingrediente fundamental para expressar toda a emoção da história e fazer borbulhar nas mentes dos leitores, todos os sentimentos escondidos e viciados pela morosidade da vida. “Aracy Guimarães Rosa esqueceu-se de si mesma, mas jamais será esquecida.” (BRUM, 2008, p.123). É com essa frase que Eliane encerra a reportagem e inicia a construção de um novo significado para a vida de Aracy.

Considerações Finais

Com este trabalho esboçamos como o jornalismo literário pode ser um jornalismo de transformação social, que valoriza o ser humano tratando de assuntos importantes com



profundidade e qualidade. É preciso considerar os receptores como agentes ativos nesse processo de comunicação e por isso, se faz necessário a valorização do texto e a preocupação com a veracidade.

A investigação, o “sair às ruas”, o olhar diferenciado para os problemas diários, tudo isso garante a produção de matérias que atendam mais do que o *lead*. Responder as questões que esta teoria oferece é fundamental para o desenvolvimento da notícia, mas amarrar-se a ela e desconsiderar que o jornalismo é criação, investigação e principalmente é comunicação social que necessita de relacionamento humano desvaloriza a profissão e desconsidera a vida que acontece fora das salas de redações, das linhas telefônicas e da rede *on line*.

Buscar fontes diferenciadas e não considerar apenas aquelas oficiais, ouvir a comunidade e ver de perto os seus problemas, faz o jornalista participar ativamente da matéria. Essa aproximação é o que garante o diferencial na produção da informação. Como diz Eliane Brum: “Ser repórter é um dos grandes caminhos para entrar na vida (principalmente na alheia) com os dois pés e com estilo.” (2006, p.194). É esse profissional que precisa ser resgatado, aquele que entra na vida alheia e preocupa-se com a forma que vai transmitir essa informação ao seu receptor.

Para ser jornalista é preciso ter mais do que um diploma e um manual de redação. Para ser jornalista é preciso ter nas veias toda esta história de luta circulando velozmente, como um motor para novos marcos. Eliane Brum provou ter este motor sangüíneo ativo, com um combustível extra: o encanto da literatura.

Um trabalho de doação, percepção e sensibilidade que envolve um olhar clínico, detalhista e humilde. Na profissão atualmente inundada de vaidade, a contradição da simplicidade e da timidez são características próprias da jornalista que saiu do interior gaúcho para ver o mundo e enxergou mais do que isso: reconheceu o outro.

A união entre jornalismo e literatura é totalmente possível, já que a literatura em momento algum abandonou o compromisso com a verdade do jornalismo. São conceitos distantes que em circunstâncias diversas não encontram conexão, porém Eliane Brum utiliza das duas esferas para falar do ser humano e da realidade de vida. Ela busca na literatura os sentimentos para expressar o ser humano e no jornalismo a veracidade para representar a realidade.



Referências

AMARAL, Luiz. **Técnica de jornal e periódico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed.Tempo Brasileiro, 2001.

BOAS, Sérgio Vilas (org). **Jornalistas Literários. Narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. São Paulo: Ed.Summus, 2007.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Ed.Arquipélago Editorial, 2006.

_____. Família Lula Brasil da Silva. In: **Revista Época**. São Paulo: Editora Globo, 2003, número 284, p.54)

_____. A lista de Aracy. In: **Revista Época**. São Paulo: Editora Globo, 2008, número 517, p.118.

FILHO, Ciro Marcondes. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. 2. ed. São Paulo: Ed.Ática, 1989.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Ed.Agir, 1969.

MELO, José Marques de. **Para uma leitura crítica da comunicação**. 1. ed. São Paulo: Ed.Paulinas, 1985.

MESQUITA, Mário. Jornalismo, comunicação pública e mídia. **Revista Brasileira De Ciências Da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2005.

PALÁCIO, Juan Gutierrez. **Periodismo de opinión**. Madrid: Ed.Paraninfo, 1984.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Ed.Contexto, 2006.

_____. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Ed.Contexto, 2007.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo: Ed. Paulus, 2005.

VIZEU, Alfredo. Beltrão, os estudos e as teorias do Jornalismo. **Revista Brasileira De Ciências Da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2007.